

Nº 2 JUL/DEZ



O GRAFITE: UMA FORMA DE EXPRESSÃO SOCIAL

Carlos Eduardo Falcão Luna
Fábio Alves de Oliveira
Jhonnatta Gomes Mendonça
Rodrigo Vieira de Assis¹

RESUMO: Os espaços das grandes cidades estão, cada vez mais, repletos dos mais diversos tipos de escritas. Dificilmente seria possível caminhar pelas ruas dos grandes centros urbanos sem notar a imensa quantidade de cartazes, outdoors, pichações, grafites etc. Essas escritas reproduzem variadas manifestações discursivas, cuja análise certamente contribuirá para o entendimento das relações que se processam entre o sujeito que as produz e a cidade como um todo. Constitui-se no tema central deste trabalho, portanto, a análise das relações sociais e dos contextos sócio-históricos em que estão inseridos – ou são produzidos – os grafites, assim como as (re)leituras dos discursos contidos nesses registros. O trabalho aborda, principalmente sob as perspectivas sócio-discursiva e histórica, os reflexos da era moderna, do avanço industrial e da globalização nos grafiteiros e na sua forma de pensar e apreender a urbe – ou a periferia urbana – a que pertence e na qual manifesta seus discursos sobre questões como identidade, territorialidade e cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: escritas urbanas; grafite; identidade; territorialidade.

ABSTRACT: The spaces of the big cities are more and more full of the most diverse kinds of writings. Hardly it would be possible walk for the streets of the big urban centers without notice to immense quantity of large posters, outdoors, graffiti. Those writings reproduce varied discursive manifestations, whose certain analysis will contribute for the understanding of the relations that are prosecuted between the subject that produce them and the city as a whole one. I constituted itself in the central subject of that work the analysis of the social relations and contexts partner in that are inserted – or, healthy produced – the graffiti, as well as the readings of the contained talks in those records. The work approaches, mainly under the perspectives social-discursive and historical, the consequences of the was modern, of the industrial advancement and of the globalization in th e graffitist and in his form of think and apprehend the city – or the urban periphery – to that belongs and in the which his manifest talks about questions as identity, territoriality and citizenship.

KEYWORDS: urban writings; graffiti; identity; territoriality.

1. Introdução

Os avanços da indústria e do capitalismo no Brasil tiveram como consequência grandes conglomerados urbanos. Em decorrência desse sistema de governo (capitalista)

¹ Graduandos do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem (NIEL).



– no qual o homem prioriza a obtenção de lucro, mesmo em detrimento de questões humanísticas –, uma grande massa assalariada passou a ocupar o espaço da urbe: tanto os empregados nas indústrias e no comércio em expansão quanto aqueles que vêm para os grandes centros em busca da oportunidade de uma vida melhor. E, sem condições privilegiadas de vida, de acesso à educação, sobretudo de qualidade, e sem capacidade de expressão que os permita manifestar seus pensamentos ou mesmo seus ideais políticos, muitos desses indivíduos acabam se envolvendo na marginalidade, como é anunciado, com frequência, em diversos meios de comunicação de todo o país. Outros, porém, talvez por possuírem maior capacidade de resistência, lutam por um espaço e por sua inserção num contexto social urbano que supõe a possibilidade de uma vida mais digna, buscando, tantas vezes, sob variadas formas artísticas, manifestar seus pensamentos e seus anseios por uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse contexto de manifestações que visam ao rompimento com a realidade de miséria e de exclusão, percebe-se no Brasil, especialmente em grandes cidades, crescente difusão do *hip hop* – movimento artístico-cultural surgido nos Estados Unidos na década de 1960, cujos principais elementos são a poesia – *MC*; a música – *DJ*; a dança – *break* e a pintura – *grafite*, sendo esse último o objeto desta pesquisa, cujo objetivo consiste em registrar, sob as perspectivas sócio-histórica e discursiva, as (re)leituras dos grafites – aqui tratados como escritas urbanas, formas de expressão, discursos – existentes na região metropolitana de Recife.

Identificado com o ideário dos movimentos negros, as diversas tendências do *hip hop* encontram nas periferias das grandes cidades brasileiras fortes centros de fomento artístico e de expressão social. A música – *rap*, cujo significado é *ritmo e poesia* e reúne os elementos *MC* e *DJ*, apresenta rimas que quase sempre abordam temas de cunho intensamente social; a dança (de rua) – *break* – apresenta movimentos que refletem a agressividade das letras (poesias), com movimentos arrojados e ritmados; a pintura – *grafite* – representa talvez a mais expressiva das manifestações, contendo em sua composição elementos como a poesia, o retrato e os anseios da população periférica dos centros urbanos.

Atualmente, ao se caminhar pelas ruas dos grandes centros urbanos, como as de Recife, será facilmente observável, ainda que em meio às diversas formas de estímulos visuais ofertadas por toda a cidade, a imensa quantidade de grafite espalhados pelos muros de suas avenidas, pontes e viadutos. É imprescindível ressaltar que essas escritas exercem relações mútuas com a cidade. O grafite, ao contrário de diversas formas de “expressão social” – como a imprensa, por exemplo –, que durante muito tempo funcionaram como instrumento de manipulação, expressa, com seus signos visuais, a opinião (ou os anseios) de um sujeito que vive, de fato, a realidade das periferias urbanas. O grafiteiro expressa, portanto, a forma como ele percebe a realidade em sua volta e, inegavelmente, reflete na cidade um pouco dele próprio, que, por sua vez, é produto da forma como a cidade se concebe.

Neste artigo, cujo conteúdo abordado consiste em resultados parciais de pesquisa, fruto de levantamentos bibliográficos e documentais e também da realização de alguns trabalhos de campo – de caráter exploratório – e entrevistas realizadas junto a grafiteiros da cidade de Recife, serão abordados temas e contextos sócio-históricos e discursivos que

intentam proporcionar uma reflexão mais ampla sobre a compreensão que se desenvolve acerca das relações dos sujeitos-leitores (a urbe) com o grafite e também com os sujeitos-autores dessa relevante escrita urbana.

2. Uma expressão que marca identidade e território

A arte de pintar as “paredes” parece algo inerente ao homem desde tempos muito remotos. Para corroborar com essa afirmação, basta lembrar as pinturas rupestres feitas, em paredes de cavernas, pelo homem pré-histórico. Assim como também sempre foi intrínseco o empenho por se desvendar, entender, interpretar, compreender as mensagens contidas nessas pinturas, o que em nossos dias não parece muito diferente: continua-se buscando interpretar essas expressões humanas, a fim de entender – possivelmente essa seria uma das principais razões – as relações que essas pinturas mantêm com o seu ambiente e, primeiramente, quais as concepções que esse ambiente produziu naquele sujeito-autor dessas “pinturas”.

Essas formas de expressão continuam a ser utilizadas também pelo homem moderno. Respeitadas as diferenças entre os dois diferentes momentos históricos, pode-se dizer que, assim como o primata se expressava através das pinturas rupestres, o indivíduo de um tempo recente, “globalizado”, o faz utilizando-se do grafite como representação signífica de seu discurso, de suas aspirações, sobretudo as sociais.

O avanço industrial e o advento da globalização são fatores que contribuíram em muito para o crescimento do capitalismo. Esse sistema de governo traz intrínseco em sua concepção a obtenção de lucro e da propriedade privada, o que, numa conjuntura ampla e complexa, colaborará com a fragmentação das sociedades em “classes” ou “níveis” sociais. Nesse contexto, surgem grandes conglomerados urbanos, sobretudo no Brasil, e, juntamente a isso, ou em consequência disso, verifica-se uma grande massa de “menos favorecidos”, que passam a ocupar as periferias dos grandes centros, fazendo emergir, dessa forma, um cenário de desigualdades e injustiças sociais. Nesse cenário, identifica-se diversos movimentos de manifestação que visam a romper com a realidade de miséria e exclusão. Incluído no movimento *hip-hop*, o grafite tem-se tornado, para a população periférica, forte instrumento de expressão político-social, uma vez que permite aos sujeitos-autores registrarem o seu espaço e a sua identidade na urbe a qual pertencem.

O grafite, embora ainda visto por muitos como uma forma de contravenção, apresenta uma indubitável conotação artística em suas preocupações formais e estéticas (Ver GITAHY, 1999) . E, ainda que o grafite contivesse em sua composição apenas a conotação artística, sua análise não poderia ser desprezada no processo de compreensão das relações sociais, principalmente porque nenhuma arte isenta-se dos reflexos que o autor absorveu do ambiente em que vive.

A atividade artística é parte integrante da cultura de um povo, e não só aquela atividade depurada, simbólica, que nós denominamos arte, mas também o artesanal, que expressa a tradição e as preocupações sociais (BARRIO, 2005, p. 263).

Apresentadas as reflexões sobre o contexto social do grafite, faz-se indispensável dedicar especial atenção ao forte teor discursivo dessa escrita urbana, através da qual esse sujeito (autor), “gritando”, afirma sua existência e expressa sua identidade ou simplesmente demarca sua territorialidade num espaço que lhe é possível, dado que seu território geográfico nas periferias urbanas já não lhe permite tal demarcação. Ao olhar a cidade, não se pode deixar de perceber o grafite fazendo parte do cenário urbano, compondo o grande “texto” que é a cidade.

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a (BARTHES, 2001, p. 224).

É possível “ler”, inserida em um dos grafites pintados nos muros (bases) do viaduto da BR-101, sobre a Avenida Caxangá, em Recife, a frase “*Pense. Não deixe que façam isso por você!*”, o que vem a corroborar com a afirmativa de que a cidade pode ser entendida como um texto, que evidencia a preocupação e a participação políticosocial do sujeito-autor.

Os grafites espalhados pelos muros e paredes da cidade de Recife, sejam os “autorizados” ou os “*bombs*” (grafites menos complexos, feitos em muros, sem a autorização dos proprietários), compõem – social, histórica e politicamente – o cenário urbano, de forma tão indissociável que não se pode pensar na (re)leitura desse cenário sem considerar os importantes discursos contidos nesses signos urbanos, que, por sua vez, representam as idéias e os anseios de uma parte ainda mais indissociável da cidade: a periferia.

3. Urbanismo e identidade

Com o avanço da indústria e do capital, na maioria dos países houve um incentivo, por parte dos grandes meios de comunicação, à padronização do consumo e do comportamento. Nos grandes centros urbanos, algumas culturas e subculturas foram assimiladas em diversos lugares ao mesmo tempo. As peculiaridades regionais foram fundidas com vários tipos de linguagem e estética globais. É exatamente esse o caso do *hip hop*, que chegou ao terceiro mundo como forte instrumento de atuação política da população.

O movimento *hip hop* era considerado ilegal, por isso os participantes dispunham de pouco tempo para praticar suas manifestações culturais. Geralmente, era muito pouco o tempo que os adeptos tinham para ligar o som e tentar superar o desempenho do adversário na dança (*break*) e na produção do grafite. Com a chegada da polícia, eles precisavam, rapidamente, desmontar seu aparato e encerrar a disputa. O ritual servia como afirmação da identidade negra dos guetos de Nova York e dos demais centros urbanos dos Estados Unidos.

O movimento teve grande aceitação no Brasil, onde a situação de exclusão não era muito diferente. Além de pessoas que ficavam às margens do processo de industrialização, havia (e ainda há) a herança do período escravista, que tornava os negros

as principais vítimas da exclusão social. O Estado de São Paulo – o grande centro industrial do Brasil – abrigou a cultura *hip hop*, juntamente com o processo de globalização. Um grande fluxo de pessoas, das mais diversas partes do Brasil, buscou oportunidades em São Paulo – o Estado mais rico do país. Esse Estado já não atendia as grandes demandas de emprego e moradia, situação que favoreceu a formação de favelas, onde grande parte da população passou a viver à margem do “sistema” (capitalista).

Recife também não ficou atrás do processo de industrialização. Houve uma explosão demográfica na cidade, a partir do momento em que ela passou a acumular as perspectivas da população do interior do Estado de Pernambuco e de toda a região Nordeste. Rapidamente formaram-se as favelas e uma parte da enorme camada excluída da sociedade passou a encontrar no *hip hop* uma forma de se expressar. Dentre os elementos desse movimento, o grafite (ou a grafiteagem) destaca-se na expressão da atitude e do comportamento sócio-histórico e político do recifense marginalizado, sobretudo, nas periferias urbanas.

Não muito raro, observam-se pela cidade vários desenhos em muros, camisas e compensados que são feitos com as técnicas do grafite. Muitos desses signos visuais contêm palavras de ordem, como, por exemplo: “*abaixo à repressão!*”, “*viva a resistência negra!*”, inseridas em figuras que denunciam a revolta ou expressam os anseios sociais e políticos de determinados subgrupos que acabam por se formar dentro desse grande grupo que é a urbe.

Ainda que as palavras de ordem ou desenhos que compõem o grafite não remetam ao ideário político de forma direta, ainda assim, é possível uma “leitura” dos tipos de grafiteagem “menos politizados” como ato político também, considerada a afirmativa de que, ao reivindicar para si o direito de se expressar, o grafiteiro exerce sua função política na sociedade e, de alguma forma, reclama por uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos terão seu “espaço” (território) para expor suas idéias, sua arte, seu discurso.

Pela falta de espaço nos meios “convencionais” de comunicação, o grafiteiro, tantas vezes, utiliza-se dos muros e paredes, enfim, das ruas para produzir sua escrita, seu discurso. A relação do grafiteiro com a rua vai muito além do espaço físico onde ele concretiza seus pensamentos. A rua é, sobretudo, o lugar onde ele amadurece suas idéias, onde encontra sua inspiração e onde surge a afirmação de sua identidade. Existe uma relação de pertencimento do grafiteiro à rua, como ambiente de sua vida cotidiana, de sua territorialidade.

[...] territorialidade significa a tentativa, por um indivíduo ou um grupo, de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. (SACK, 1986: apud KAROL, 2000).¹

A questão da territorialidade é também um forte sintoma da identidade do grafiteiro com a rua. Nas batalhas das *gangs* de *hip hop*, ocupa-se o espaço para uma performance em muito pouco tempo. Entretanto, o curto tempo não impede o grafiteiro

¹ Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/territorio-territorialidade-federacao-orgaosassistencia/territorio-territorialidade-federacao-orgaos-assistencia.shtml>. Acessado em 05/11/2008.

de transmitir, com eficiência, o seu “recado” (sua mensagem) à população: a rua constitui-se no espaço de que dispõe para se expressar. A relação do grafiteiro com o espaço não se encerra nas batalhas, pois o mesmo local que durante o dia corresponde a apenas um centro comercial ou um local de circulação de pessoas na rotina do dia-a-dia, alimenta o seu imaginário. No momento da sua performance, o artista expressa as emoções que ele viveu durante o dia, talvez no mesmo local ou em outros locais da cidade, onde, todos os dias, a vida segue seu curso.

Na atual dinâmica dos grupos sociais urbanos, a rua é o local onde se apresentam os signos que possibilitam identificar a atuação de tais grupos. Com o grafite não é diferente. A rua é onde o grafiteiro adquire sua “bagagem cultural” e onde ele encontra os elementos que compõem o seu discurso.

4. Grafite e consciência

Os centros urbanos são constituídos por infinitos elementos – instituições sociais, meios de comunicação, transportes, comércio, ideologias, indivíduos, etc. – que, com efeito, dão forma a um “corpo”, cuja lógica de movimentação parece – pelas características próprias de cada elemento – desordenada. No entanto, como seria possível manter a coesão dos grandes centros urbanos se realmente o sistema de relações entre as “peças” fosse fragmentado? As interações sempre vão existir entre os “corpos” que, em sua soma, formam o meio urbano, pois todos eles estão ligados, direta ou indiretamente, formando uma teia de relações.

De acordo com o pensamento durkheimiano, existem no homem duas consciências: uma particular, que pertence só ao indivíduo e essa é por ele próprio desenvolvida; a outra coletiva, que está no indivíduo, mas sua formação só é possível mediante o convívio em sociedade. Essa última pode ser o melhor caminho para compreender o interacionismo simbólico que proporciona a coesão social. Nesse contexto, pode-se observar o quão próxima é a relação entre o sujeito-autor do grafite – o grafiteiro – e o meio social em que ele vive.

Diversas são as formas e estilos de produção do grafite espalhados pelas ruas das cidades. Observa-se, entretanto, que nem sempre os seus habitantes ou seus transeuntes percebem os vários sentidos dos *discursos* emitidos por essas escritas. Para um melhor entendimento do que está sendo afirmado é importante salientar qual a visão utilizada sobre discurso:

[...]não é a língua, nem o texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística (FERNANDES, 2007, p. 18).

Os diferentes discursos encontrados nas escritas urbanas, comumente, não se originam da natureza individual, não partem da consciência particular de seu autor, mas são de origem social, coletiva e, dessa forma, podem ser vistas como um espelho da cidade. A urbe proporciona ao grafiteiro um despertar de sentimentos que o motiva a manifestar seu discurso através de seus grafismos. As cores e signos materializam forte expressão

artística do grafite, ao mesmo tempo que mostram à cidade o reflexo da sua própria imagem, constituindo um recorrente processo de percepções e influências mútuas entre o grafiteiro e o espaço urbano.

O jovem, ao produzir um grafite, retira do seu imaginário toda influência proporcionada pela vivência urbana, e pelas experiências passadas na metrópole que reverberam em seu discurso. O escritor (grafiteiro), assimilando os diversos elementos do meio ao qual se insere, materializa a sua fala, devolvendo-a ao ambiente externo sob a forma de grafismos. Dessa forma, os grafites espalhados pelas cidades são uma resposta ao estilo de vida da pós-modernidade, e não apenas interferem na cidade, como também, em igual medida se encontram nela. Tudo isso ocorre em meio a uma conversa silenciosa e interativa entre os grafismos e a urbe que os concebe, na qual o diálogo, efêmero e dinâmico, condensa-se e transforma-se em um cenário imagético fragmentado, marcado pela sobreposição sígnica.

5. Considerações finais

Conforme o exposto, é inegável que os grafismos urbanos compõem, de modo indissociável, os multifacetados cenários dos grandes centros urbanos. O grafite, tratado no texto como uma escrita, uma forma de expressão sócio-histórica e discursiva, é utilizado com as mais variadas finalidades, mas, em grande parte das vezes, seus elementos retratam os anseios e pensamentos da população, sobretudo do cidadão das periferias urbanas. Fato que evidencia a afirmativa de que o grafiteiro que “pinta” o seu discurso é, por sua vez, produto da forma como a cidade se concebe.

As grandes cidades funcionam como um pólo de atração que atrai homens e mercados, contudo, até pela própria lógica do sistema “prevalente”, não absorve a todos. E, para uma conscientização ampla do que vem a ser a cidade, é imprescindível observá-la sob os mais diversos aspectos, sem que uma forma de visualização negue a outra, possibilitando uma visão mais ampla que permitirá maiores possibilidades de se criarem soluções mais efetivas para toda a sociedade, principalmente para aqueles que vivem às margens do “sistema” ou na total exclusão dele. Nesse contexto e entendendo-se o grafite como uma escrita urbana legítima, ressalta-se a importância dos estudos discursivos para a compreensão dos fenômenos urbanos.

Espera-se que este trabalho tenha atingido o seu objetivo de não apenas apresentar algumas questões sobre o grafite, o grafiteiro, a urbe e as formas como esses elementos interagem entre si, mas, principalmente, contribuir para o entendimento de que essas escritas reproduzem um discurso – tantas vezes inconsciente por parte do grafiteiro – que demonstra a busca por um espaço ou a expressão de uma identidade. Do entendimento dessas relações depende a construção de uma visão mais ampla e crítica acerca das escritas urbanas, que estão intrinsecamente inseridas na construção do processo histórico de uma sociedade.

6. Referências bibliográficas:

BARRIO, Angel-B Espina. *Manual de Antropologia Cultural*. Recife: Editora Massangana, 2005. p. 263.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

BARTHES, Roland. Semiologia e urbanismo. In: *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 224.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ª ed. São Carlos: Ed. Claraluz, 2007. p. 18.

GITAHY, Celso. *O que é grafitti*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos)

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 1992.

KAROL, Eduardo. *Território e Territorialidade da Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional - F.A.S.E. e estudo sobre território e organização não-governamental*. In: www.monografias.com. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/territorio-territorialidade-federacao-orgaos-assistencia/territorio-territorialidade-federacao-orgaos-assistencia.shtml>. Acessado em 05/11/2008.